

Comentários sobre “Estupro em campo. Reflexões de uma sobrevivente”

GUNILLA BJERÉN (EVA MORENO)
Universiteit Van Stockholm, Estocolmo, Suécia

TRADUÇÃO: FLORBELA RIBEIRO, KARINA COELHO,
LETIZIA PATRIARCA, PAULA BESSA, THAIS H. TIRIBA
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v26i1p266-269

resumo O artigo é um breve comentário acerca de “Estupro em campo. Reflexões de uma sobrevivente”, originalmente publicado em 1995 em uma antologia organizada por Don Kulick e Margaret Willson sobre sexo e subjetividade no trabalho antropológico. Nesse ensaio eu retorno a alguns dos efeitos do estupro em campo para refletir sobre minha trajetória acadêmica e pessoal como uma antropóloga feminista e seus ecos.

Comments on “Rape in the field. Reflections from a survivor”

abstract This article is a short commentary related to “Rape in the field: reflections from a survivor”, first published in 1995, in an anthology edited by Don Kulick and Margaret Willson who aimed to discuss sex and subjectivities in anthropological fieldwork. In this essay I resume some effects of the rape I suffered in my fieldwork research to reflect about my academic and personal trajectory as a feminist anthropologist and its echoes.

keywords fieldwork research; methodology; rape.

Estupradores enterram minas terrestres nas mentes de suas vítimas...
(WINKLER, 1991)

Em 1995 eu escrevi um relato de um abuso sexual que aconteceu quando eu fazia trabalho de campo na Etiópia muitos anos antes. Agora, em 2018, quando da tradução e republicação de meu texto, me é pedido que eu pense novamente no ocorrido. O que aconteceu depois?

Existem muitos “depois”. O primeiro é o que aconteceu depois do estupro e de minha desassociação com a cidade etíope onde ele ocorreu. O segundo é o que aconteceu depois que o capítulo sobre o estupro foi publicado na anto-

logia *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork* (KULICK; WILLSON, 1995). O terceiro depois é como eu me sinto em relação ao texto hoje.

Depois do estupro

Depois que eu retornei para a Suécia e para a minha universidade, eu não conseguia me fazer trabalhar no material colhido na Etiópia. Além da barreira psicológica que minava minha determinação em abrir documentos nos quais havia a letra de mão e o espírito de meu estuprador, minhas finanças estavam esgotadas. Eu tinha tido sorte de receber uma bolsa de doutorado no início da pós-graduação. Quando eu retornei para casa depois de quatro anos de preparação, espera pelo visto, permissões e o trabalho de campo, a bolsa estava esgotada.

Os quatro anos seguintes foram passados em atividades substitutivas. Eu peguei um trabalho administrativo na universidade e depois de poucos anos me joguei em um novo projeto, o qual eu esperava que me permitisse novamente retornar à tese.

O novo projeto foi concebido como um estudo antropológico feminista comparativo. O estupro tinha me feito aceitar o fato de que eu era uma mulher e que esse fato fazia diferença tanto na academia como no mundo lá fora. Eu não procurei ajuda especializada para lidar com minha “síndrome de trauma de estupro” (náusea, pesadelos, tremores, depressão, agitação), mas fui ajudada pelo livro *Against our will* de Susan Brownmiller (BROWNMILLER, 1976) e pela paciente escuta e partilha de amigas e colegas mulheres. Na minha vizinhança na Etiópia, mulheres tinham tentado me convencer de que estar sujeita ao estupro e outras formas de intimidação sexual era parte integrante de se ser mulher, o que eu achava estranhamente reconfortante.

Nesse meio tempo, entre o fim de meu trabalho de campo em 1973 e o início de meu novo projeto em 1976, a revolução etíope, que tinha começado relativamente de forma pacífica com a deposição do Imperador em 1974, se desenvolvia em uma luta violenta por poder e controle entre os militares. Depois de uma breve visita de reconhecimento em 1976 eu percebi que não havia possibilidade de voltar a trabalhar na Etiópia. A situação era perigosa para todos, e meus sintomas de síndrome de trauma do estupro afloraram novamente. Mudei então o trabalho de campo de meu novo projeto para um distrito remoto da Suécia e não voltei a Etiópia até 2008.

O estupro mudou a direção de minha incipiente carreira acadêmica. Se eu não tivesse tido aquela arma cutucando minhas costelas em 1972... eu não posso especular como os eventos teriam se desenrolado. O que eu sei é que se o fôlego de minha crença complacente em mim mesma como uma “cientista” objetiva e sem gênero não tivesse sido nocauteado em 1972 eu provavelmente

teria produzido uma tese maçante ou tese nenhuma. O material que eu colhi ficava entre as cátedras da sociologia (muito pouco, muito diverso) e da antropologia social (muito superficial) e eu não era uma acadêmica madura o suficiente para lidar com esse desafio. O beco sem saída da análise do meu material da Etiópia em 1975 e os anos seguintes de estudos e pesquisas antropológicas feministas me deram o tempo e as ferramentas para lidar com os dados quando eu novamente os apanhei em 1982, durante a licença maternidade do meu segundo filho. No fim, eu produzi uma tese a qual eu tenho orgulho de ter escrito (BJERÉN, 1985).

Depois de Taboo

Quando Don Kulick e Margaret Wilson anunciaram que eles iriam organizar o volume "sex in the field" eu senti que essa era a minha chance de desarmar a mina terrestre do trauma de meu estupro. Nos anos que sucederam o estupro eu tinha usado a experiência da violência sexual no ensino e na docência, mas vinte anos depois do evento eu ainda sofria de algumas das reações iniciais dos tremores e ataques de pânico sempre que eu mencionava o assunto. Eu nutria um sentimento ardente de raiva que não iria se apagar. Minha motivação em escrever sobre o estupro era complexa. Eu queria vingança – essa era a minha motivação principal. Quando eu fui atacada, eu fiquei paralisada por choque e por medo e não pude me defender de nenhuma maneira. Essa é uma reação comum a ameaças de morte combinadas à violência sexual assim como também é comum a raiva definhante que segue (Brownmiller 1976). Com minha contribuição a Taboo eu pude me vingar cobrindo de vergonha o meu agressor – não importa que era improvável que ele lesse o que eu escrevi.

Uma outra motivação era que eu queria contar a jovens etnógrafos alguns dos perigos inerentes ao absurdo fascínio pelo trabalho de campo de tipo "lobo solitário" que eu sentia, que era parte da forma como a antropologia social, na minha juventude, era considerada sinônimo de observação participante, de um tipo muito intrusivo.

O efeito em mim de ter escrito esse texto e de ele ter sido publicado em um livro que teria centenas de leitores foi de um catarse emocional. Finalmente, eu senti que a síndrome de vítima de estupro tinha amenizado. Eu tinha tirado uma experiência insuportável de dentro de minha mente e posto ela em público. Eu fui libertada da obrigação de lembrar. Isso pode ser trivial para um psicólogo, mas para mim foi uma revelação perceber que o sofrimento traz consigo uma obrigação de lembrar da dor. A dor se torna sem sentido se esquecida. Partilhada, confirmada por outros, documentada, armazenada. E então curada; se não esquecida ao menos desarmada. Essa foi a estrada que eu tomei.

Efeito na antropologia social? Uma rápida busca no Google Scholar mostra que o capítulo foi citado mais de mil vezes desde a sua publicação. Acho que

a citação relativamente frequente do texto é uma consequência do avanço das abordagens reflexivas na pesquisa antropológica e da avalanche de estudos antropológicos feministas depois que *Taboo* foi publicado pela primeira vez. Eu poderia ter ficado famosa se eu não tivesse sido obrigada a publicar sob um pseudônimo. Por outro lado, ter usado meu nome verdadeiro poderia ter me marcado para sempre como uma vítima de estupro. Isso eu não sou. Eu sou uma sobrevivente de estupro, e ser estuprada foi uma experiência terrível com repercussões para toda a vida, não mais.

Referências bibliográficas

BJERÉN, Gunilla. *Migration to Shashemene. ethnicity, gender and occupation in urban Ethiopia*. Stockholm: Nordic Africa Institute, 1985.

BROWNMILLER, Susan. *Against our will: men, women and rape*. Harmondsworth: Penguin, 1976.

KULICK, Don; WILLSON, Margaret (Eds).. *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London: Routledge, 1995.

WINKLER, Cathy. "Rape as Social Murder." *Anthropology Today*, vol. 7, n.3. 1991, p.12–14.

autora **Gunilla Bjerén**

É professora de Estudos de Gênero no Departamento de Antropologia Social, Universidade de Estocolmo

Recebido em 07/02/2018

Aceito para publicação em 10/02/2018